

## **TENSÕES E INTERAÇÕES ENTRE CORPO, ARTE E CIDADE: uma manifestação crítica dos desejos**

### ***TENSIONS AND INTERACTIONS BETWEEN BODY, ART AND CITY: a critical manifestation of desires***

**A. Amanda da Costa Pereira Alves & B. Eneida de Almeida**

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PGAUR/USJT); Universidade São Judas Tadeu, Brasil.

*pa\_amanda@hotmail.com*

*eneida.almeida@saojudas.br*

#### **RESUMO**

Este trabalho busca compreender o meio urbano e suas relações com as questões de gênero, explorando não só o ambiente como lugar de experiência e suporte de memórias, mas também de escritura de novos usos e formas de interação capazes de permitir o reposicionamento do indivíduo e do próprio corpo. Os procedimentos metodológicos estruturam-se em três partes: na primeira, as relações entre os conceitos de identidade e lugar contam com a contribuição de Norberg-Schulz, La Cecla e Certeau; na segunda, a noção de “corpo sem órgãos”, apoia-se em Deleuze e Guattari e dialoga com Agamben, enquanto instrumento de múltiplas experiências liberto de condicionamentos sociais; e a terceira explora um estudo empírico desenvolvido no âmbito de uma disciplina da Graduação em Arquitetura e Urbanismo cujo tema interliga arte, arquitetura e urbanismo, examinando experiências do corpo feminino inserido no espaço, tendo a produção de Valie Export como referência conceitual e poética.

**Palavras-chave:** arte e cidade, memória e identidade, corpo feminino.

**Linha de Investigação:** Dinâmicas Urbanas.

**Tópico:** Gênero e Cidade.

#### **ABSTRACT**

This work seeks to understand the urban environment and its relations with gender issues, exploring not only the environment as a place of experience and support of memories, but also of writing new uses and different forms of interaction capable of allowing the repositioning of the individual and of the body itself. The methodological procedures are structured in three parts: in the first, the relations between the concepts of identity and place have the contribution of Norberg-Schulz and Certeau; in the second, the notion of “body without organs” is based on Deleuze and Guattari, as an instrument of multiple vital experiences freed from social conditions; and, finally, the third explores an empirical study developed under a discipline of the Undergraduate Course in Architecture and Urbanism whose theme links contemporary art, architecture and

urbanism, examining experiences of the female body inserted in the architectural space, with the production of Valie Export as conceptual and poetic reference.

**Keywords:** art and city, memory and identity, female body.

**Research line:** Urban Dynamics.

**Topic:** Gender and City.

## 1. O lugar

Uma visão contemporânea da arquitetura, em aproximação com a filosofia, tem no lugar um tema de interesse central, abrindo margem para interpretações que se distanciam do espaço geométrico e indiferenciado, conforme o entendimento dominante no ambiente cultural de gestação e desenvolvimento do movimento moderno, durante a primeira metade do século XX, para assumir uma conotação circunstanciada e fenomenológica, aberta à percepção individual e à experimentação empírica no cenário contemporâneo. Desse modo, o meio urbano se transforma não só em um ambiente de formulação e suporte de memórias, mas também objeto de leitura e apropriação, de escritura de novos usos e de novas formas de interação, capazes de reposicionar o corpo e o pensamento do indivíduo que o habita.

Compreender a cidade como um organismo vivo, em constante transformação, pressupõe enfrentar a discussão entre permanência e transformação, considerando uma noção ampla de patrimônio que não se restrinja ao bem tombado, mas que permita investigar a respeito de componentes, referências e repertórios urbanos como suportes da memória e como objetos de reinterpretação poética. Nessa perspectiva, este trabalho dá continuidade a investigações do Projeto de Pesquisa “Memória, identidade e cidadania” desenvolvido no âmbito do PGAUR/USJT.<sup>1</sup>

O arquiteto norueguês Christian Norberg-Schulz (1976) considera o viver cotidiano uma sequência de fenômenos concretos, capazes de estabelecer relação entre todos os elementos que compõem a vida humana, em diferentes proporções e trocas, como uma grande rede de conexão e interação. Compreende desde elementos resultantes da matéria como os próprios seres humanos, animais, árvores, até produtos concretos da ação humana, como ruas, avenidas, edifícios projetados. Considera, ainda, elementos intangíveis, como os sentimentos e as emoções que motivam a ação do homem no meio onde está inserido.

Geralmente se entende o “ter lugar” num sentido qualitativo e “funcional”, com implicações que remetem ao dimensionamento e à distribuição espacial. Mas as “funções” não são inter-humanas e similares em toda parte? É evidente que não. “Funções” similares, mesmo as mais básicas como dormir e comer, se dão de diferentes maneiras e requerem lugares que possuem propriedades diversas, de acordo com as diferentes tradições culturais e as diferentes condições ambientais. Dessa forma, a abordagem funcional deixou de fora o lugar como um “aqui” concreto com sua identidade particular (Norberg-Schulz, 1976, in Nesbitt, 2013: 445).

Ao se falar de ambiente, portanto, para Norberg-Schulz está se falando de lugar. Nesse sentido, é imprescindível que o arquiteto tenha como pressuposto, ao projetar, que todos os fenômenos da vida humana cotidiana aconteçam em um determinado local, ou seja, um lugar de referências características, que permite

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), por meio de auxílio concedido durante o desenvolvimento desta pesquisa.

tal ato ou acontecimento e que comporta uma localização no espaço, configurando mais do que uma “localização abstrata”, tendo em vista que é caracterizado por substâncias materiais, como forma, cor, textura, que lhe conferem qualidade e tipificam a “essência do lugar”; em outras palavras, denotam sua “atmosfera”. (Norberg-Schulz, 1976, in Nesbitt, 2013: 445-446).

O filósofo francês Michel de Certeau (2013) ressalta o fato de que só é possível habitar em lugares povoados por lembranças, lugares à espera de releituras e novas interpretações. Desse modo, o autor compreende que a identidade dos cidadãos e dos grupos sociais é moldada pelos lugares em que habitam, isto é, reconhece que os vestígios desses lugares estão presentes nas memórias individual e coletiva, compondo a biografia dos habitantes em diálogo permanente com a biografia desses lugares. Essa compreensão guarda afinidade com o entendimento de lugar, conforme Norberg-Schulz, e pode auxiliar a reforçar os vínculos entre os diferentes agentes das políticas públicas e os habitantes, se cotejada com as práticas culturais do homem ordinário, do mesmo modo que podem ser revistas as atuações dos organismos de preservação e tutela do patrimônio se aproximadas da interpretação e da vivência dos habitantes da cidade.

Essa compreensão que examina as relações entre habitantes e ambiente urbano é tema de investigação do antropólogo italiano Franco La Cecla (1993) que discorre sobre experiências de superação das proposições generalizantes e normativas do urbanismo moderno, sublinhando posturas atentas ao “ambientar-se” ou o seu contrário, o “perder-se”, em lugar de “secas definições e procedimentos prescritivos”. Isso equivaleria a refletir sobre a condição das cidades contemporâneas com base na vida do cotidiano, pressupondo a desorientação como condição desejável. Nesses termos, observa Paul Feyerabend, na introdução do livro intitulado *Mente locale*: “Uma vivida representação pode criar um efeito de ressonância num indivíduo, num grupo, numa inteira nação, que pode consentir a própria desorientação e deixar vir à tona o desejo de far mente locale” (La Cecla, 1993: 10). Essa expressão idiomática, que conjuga mente e lugar, é, para La Cecla, indicativa da capacidade humana de habitar, sendo definida pelo autor como uma espécie de deslocamento do sujeito que se exterioriza e observa a si mesmo, enquanto exerce a capacidade de compreensão de um lugar.

## 2. O corpo

O estudo da reflexão produzida pelos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari (1996) relacionada à teoria do Corpo sem Órgãos (CsO), foi empreendido com o interesse de compreender o corpo como instrumento de interpretação, experimentação e crítica.

Em sua concepção geral, essa noção já não mais compactua com a visão tradicional de separação entre corpo e alma, e foge ao sentido comum do que são os órgãos, pois não os limita a peças de um mecanismo. Os órgãos, em sua compreensão corrente, correspondem a partes de uma máquina que, ao olhar para si e para o seu próprio funcionamento, buscam corresponder aos anseios e desejos de um sistema geral, a sociedade. O Corpo sem Órgãos, por sua vez, segundo os filósofos franceses, abre o sujeito para as novas possibilidades, ampliando um horizonte que foge à lógica constituída e alcança patamares de desconstrução do indivíduo, tecendo, assim, sucessivas relações entre a superfície moldada pela estratificação social e um plano de consistência interior, em que se permite abrir a experimentação de diferentes possibilidades de existência, livre de amarras e de censuras.

Porque não caminhar com a cabeça, cantar com o sinus, ver com a pele, respirar com o ventre (...) Onde a psicanálise diz: Pare, reencontre o seu eu, seria preciso dizer: vamos mais longe, não encontramos ainda nosso CsO, não desfizemos ainda

suficientemente nosso eu. Substituir a anamnese pelo esquecimento, a interpretação pela experimentação. Encontre seu corpo sem órgãos, saiba fazê-lo, é uma questão de vida ou de morte, de juventude e de velhice, de tristeza e de alegria. É aí que tudo se decide (Deleuze; Guattari, 1996: 11).

Compreender a complexidade do sistema em sua inteireza, por meio de arranjos mais amplos que os biológicos, ou seja, admitir a pulsão dos desejos, afetos e prazeres, segundo Deleuze e Guattari, é perceber que o CsO não se coloca como contrário aos órgãos, mas sim ao organismo com funções preestabelecidas, ou seja, um arranjo dos órgãos e suas formas de indução e restrição.

Quando o CsO expande e ultrapassa os limiares com o campo coletivo, tudo o que resta é o próprio desejo, seja em níveis de consciência ou ao que se refere ao próprio aniquilamento. “Desejo de dinheiro, desejo do exército, de polícia e de Estado, desejo-fascista, inclusive o fascismo é desejo”. (Deleuze; Guattari, 2010: 28). Entender os desejos e valores advindos do CsO é o caminho de legitimação do mesmo, como apontam Deleuze e Guattari, é assumir efetivamente tais desejos, sejam eles quais forem, o que permite assegurar as conexões estabelecidas entre as ligações dos planos e gêneros de um CsO e seus órgãos não mais como mecanismos funcionais de uma engrenagem pré-designada, mas como um sistema complexo que exprime tanto o campo dos desejos vitais quanto o do indesejável.

É nesse plano de análise que o filósofo francês Gilles Deleuze exprime a ideia de dobra, um conceito de reinterpretção e crítica inspirado no filósofo alemão Leibniz, ao analisar o período barroco em seus graus de instabilidade e crise, enquanto estratégia que permite ao sujeito reconstruir seus próprios cenários, compreender a divisa entre o dentro e o fora, a brecha do caos, os limites não mais como barreiras intransponíveis.

Experienciar os mais distintos contatos evidencia a contribuição da memória e do imaginário do sujeito, alimentado por uma dimensão coletiva, para a invenção das distintas possibilidades. A dobra se define, nesse contexto, como a metáfora das aspirações do indivíduo, enriquecidas por suas subjetividades e referências para a crítica da objetividade em seu ambiente histórico e social.

A crítica e a reinvenção do tempo presente no contexto da contemporaneidade permitem a conexão entre a individualidade e a coletividade, sem que as aspirações pessoais sejam reprimidas pelas convenções sociais. Assim sendo, revela-se o sujeito em si mesmo, seu inconformismo, uma vez que suas experiências e derivações tornam-se a expressão da crítica do meio em que vive. Nessa perspectiva, a arte pode ser o caminho para redefinir tanto o indivíduo quanto o cenário em que este se situa, incorporando em sua produção uma condição de estranhamento que possibilita o questionamento do status quo, o que de fato se distancia do “disciplinamento” dos corpos para que alcancem as máximas em suas particularidades.

Para Deleuze (2009), o ato da dobra é a representação da capacidade do indivíduo de desmembrar-se em suas mais profundas excentricidades, alcançar o ponto originário de sua criação como sujeito:

Dobrar-desdobrar já não significa simplesmente tender-distender, contrair-dilatar, mas envolver-desenvolver, involuir-evoluir. O organismo define-se pela sua capacidade de dobrar suas próprias partes ao infinito e de desdobrá-las não ao infinito, mas até o grau de desenvolvimento consignado à espécie (Deleuze, 2009: 22).

Esse organismo vivo e mutável recoloca-se constantemente em suas experiências por se tratar de uma movimentação orgânica e descontínua de experimentação e crítica. Para Deleuze (2009), esse jogo de

encaixes é o que possibilita a compreensão da menor parte de matéria possível, ou seja, a mais rica gama de interpretações de si e do todo, o dentro e o fora, o interno e o externo.

Em uma chave de entendimento análoga, Giorgio Agamben (2017) recorre à *L'herméneutique du sujet* de Foucault, dedicando-se à análise do cuidado de si, com base no conhecimento e no “uso de si”, que interage com o “uso do mundo”, nos moldes investigados por Heidegger, por meio da noção do “ser-aí”, segundo a qual, ao instituímos uma relação imediata e familiar com o mundo que nos rodeia, encontramos a pluralidade de “maneiras de ser”.

É por meio da inscrição do cuidado na estrutura do “em-ser” que se define a relação originária do “ser-aí” com o seu mundo. O uso de si, “assim como o hábito, é uma forma-de-vida e não o saber ou a faculdade de um sujeito”. Dessa forma, os profissionais, assim como os artistas, seriam “seres vivos que, no uso e só no uso dos próprios membros, assim como do mundo que os circunda, fazem experiência de si e constituem a si como usuários (de si mesmos e do mundo).

Se no passado o artista tinha um estatuto residual com respeito à sua obra, essa relação inverte-se e, na modernidade, é a obra que constitui um resíduo da atividade criadora do artista genial. A arte contemporânea vai ainda além, substituindo a obra pela própria vida.

Analisando o contexto contemporâneo, Agamben estabelece uma inusitada relação entre obra e “inoperosidade”, que contrapõe a ideia de “produção artística” à de uma “potência da ação”, que se confunde com a forma-de-vida:

Verdadeiramente poética é a forma de vida que, *na própria obra*, contempla a própria potência de fazer e de não fazer e nela encontra a paz. A verdade, que a arte contemporânea jamais consegue levar à expressão, é a inoperosidade, que procura realizar a qualquer preço. Se a prática artística é o lugar em que se faz sentir com maior vigor a urgência e, ao mesmo tempo, a dificuldade da constituição de uma forma-de-vida, isso se deve ao fato de que nela se conservou a experiência de uma relação com algo que excede a obra e a operação e, mesmo assim, continua delas inseparável. Um ser vivo nunca pode ser definido por sua obra, apenas por sua inoperosidade, ou seja, pelo modo em que mantendo-se, em uma obra, em relação com uma pura potência se constitui como forma-de-vida (...), na qual vida e forma, privado e público, entram num limiar de indiferença, e o que está em questão já não é a vida nem a obra, mas a felicidade. (Agamben, 2017: 277, grifo nosso).

Agamben, assim, conclui que um profissional não pode ser definido por sua produção, mas somente por sua inoperosidade, isto é, “o pintor, o poeta, o pensador, (...) não são os sujeitos soberanos de uma operação criadora e de uma obra: eles são, sim, seres vivos anônimos que, tornando todas as vezes inoperosas as obras de linguagem, da visão, dos corpos, procuram fazer experiência de si e constituir sua vida como forma-de-vida” (Agamben, 2017: 177).

### 3. O experimento

Em tom de relato e análise, esta narrativa recorre aos conceitos abordados anteriormente para interpretar e abrir a discussão referente ao processo de produção de um experimento proposto, procurando estabelecer uma articulação entre a reflexão teórica e a experimentação prática.

A proposta de experimento é parte integrante da pesquisa de que faz parte este trabalho, desenvolvida no estágio de docência junto a uma disciplina do 1º Semestre do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo, cujo tema envolve a relação entre arte, arquitetura e urbanismo contemporâneos. Um dos objetivos centrais consistiu em analisar o percurso de produção da artista austríaca Valie Export, tomando seu trabalho como referência para experimentar possibilidades de atuação prática derivadas das diferentes condições perceptivas de cada corpo e, assim, exercitar a sua reorganização como elemento ativo e crítico do projeto arquitetônico e urbano.

Em *Body Configurations*, a artista realiza uma série de fotoperformances (Camnev; Almozara; Paraguai, 2020: 175), por meio de registros de seu corpo junto a estruturas urbano-arquitetônicas de diferentes espaços públicos, propiciando reinterpretações das cidades por meio de entrelaces entre o corpo e o lugar.

Fotografias que retratam um corpo moldado pelo espaço físico, colocando a figura feminina em interlocução com a cidade, aparentemente disposta a assimilar suas formas e dialogar com seus espaços, suscitam discussões a respeito do que é usual e aceito – ou não –, na relação entre corpos e ambiente urbano. Em síntese, tensionam noções correntes e hegemônicas sobre a separação entre o público e o privado.

A interação busca compreender, e acima de tudo questionar, os moldes físicos, sociais e urbanos, as convenções culturais, por meio da justaposição entre o corpo feminino – seus movimentos, suas habilidades motoras, seus atributos físicos –, e os elementos urbanos, em situações inusitadas. Nesse sentido, desperta questionamentos diversos, tais como: em que medida os corpos se condicionam aos espaços construídos ao invés de os espaços se adequarem às exigências dos sujeitos e de seus corpos? Como exercer autoridade sobre seu próprio corpo e, ao mesmo tempo, conferir outro significado ao espaço com o qual se interage?

As imagens de aproximação e aderência entre o corpo e as formas arquitetônicas são carregadas de metáforas, despertam múltiplas interpretações. Essa intervenção poética poderia ser associada ao fazer mente locale, ou seja, à estratégia de reativação da capacidade de habitar o lugar expressa na ambivalência entre o ambientar-se e o perder-se, invocada por La Cecla: “Viver ou vagar em um espaço pressupõe uma forma de conhecimento a que estão associados os componentes de presença (aqui estou, lá estava) e de postura (em pé, deitado, em movimento, em velocidade)” (La Cecla, 1993: 22). (Fig. 01 a 05)



Fig. 01 Ensaio Body Configurations, Estados Unidos, 1972-1976. Fonte: <https://omstreifer.com/2017/03/13/womens-history-month/> (Acesso em: 03 de abril de 2018 as 11:13).



Fig. 02 Ensaio Body Configurations, Estados Unidos, 1972-1976. Fonte: <https://omstreifer.com/2017/03/13/womens-history-month/> (Acesso em: 03 de abril de 2018 as 11:13).



Fig. 03 Ensaio Body Configurations, Estados Unidos, 1972-1976. Fonte: <https://omstreifer.com/2017/03/13/womens-history-month/> (Acesso em: 03 de abril de 2018 as 11:13).



Fig. 04 Ensaio Body Configurations, Estados Unidos, 1972-1976. Fonte: <https://omstreifer.com/2017/03/13/womens-history-month/> (Acesso em: 03 de abril de 2018 as 11:13).



Fig. 05 Ensaio Body Configurations, Estados Unidos, 1972-1976. Fonte: <https://omstreifer.com/2017/03/13/womens-history-month/> (Acesso em: 03 de abril de 2018 as 11:13).

O corpo que se comporta como uma continuidade do espaço, numa tentativa de integração entre dois organismos distintos que se acomodam por meio de encaixes, desperta, no entanto, estranhamento, pela artificialidade dos gestos. A partir desse contato uma nova cidade surge, novos limites são definidos e a extensão da proposta desloca sujeito e objeto, questiona suas reais condições, ao transformar maneiras de estar e se comportar na cidade. A artista torna-se parte do cenário e também a própria obra, posicionando-se artística e politicamente.

Reconhecer os limites e o aproveitamento dos entremeios como elementos de interesse na produção de Valie Export equivale a trazer para a prática artística o conceito de dobra proposto por Deleuze (2009), na própria interação das superfícies que se fazem presentes, atribuindo valor às percepções e ao imaginário, que permitem explorar diferentes linguagens, inclusive as corporais.

O lugar se transforma, ao passo que a artista se desloca e assume posições variáveis, distintas das posturas que habitualmente teria em relação à apropriação daqueles lugares. A possibilidade da experiência é o que motiva a dobra, o que movimenta o indivíduo diante de seu contexto, utilizando-se da subjetividade para questionar a objetividade em seus contextos físicos e sensoriais.

O corpo que subverte o padrão e questiona a si e ao espaço a partir de sua própria presença é, assim, capaz de reinventar de maneira crítica o seu posicionamento diante da coletividade, tornando-se parte integrante do todo e atraindo o todo para compor partes de si. O sujeito é revelado em si mesmo, ao passo que compreende

as experimentações e derivações possíveis no todo, tornando a arte, e o fazer artístico, um caminho para explorar as condições de estranhamento que deslocam o comum e resultam nos questionamentos e possibilidades de transgressões pela busca das singularidades.

O ato artístico e, conseqüentemente, o ato da dobra, comunicam-se no que Deleuze aponta como uma capacidade do sujeito de acessar suas profundezas para explorar os pontos em comum que formam cada um dos indivíduos e os conectam à coletividade. O jogo de encaixes proposto pela artista possibilita materializar em uma imagem, naquela fração de tempo, uma possível interpretação do que estabelece tensões e conflitos entre o corpo – como expressão de experiências vitais – e o espaço urbano, entre indivíduo e coletivo, entre os limites do corpo, entre interno e externo, possibilidades e experiências. Seu corpo atua na cidade como um organismo vivo capaz de ativar memórias e enunciar um discurso vinculado à potencialidade da arte enquanto crítica de costumes.

Recorrendo a Agamben, é possível reconhecer a dissolução de fronteiras entre artista e obra, na medida em que, como um fazer artístico contemporâneo, sua produção não corresponde a uma obra-prima, no sentido clássico, dotada de uma operosidade inigualável. Afirma-se ao contrário, como inoperosidade que, por meio de um jogo de linguagem, procura fazer experiência de si e constituir sua obra como forma-de-vida.

O intuito da proposta de desdobramento da produção de Valie Export, como mote e referência poética para os exercícios realizados com alunos do Curso de Arquitetura e Urbanismo, é de flexibilizar as possibilidades de experimentação e apropriação do lugar, explorando o contato entre corpo e os elementos arquitetônicos e estruturas urbanas, vivenciando diferentes percepções do espaço e do próprio corpo na interação com esses limites e barreiras físicas.

Os alunos foram convidados a desbravar o campo universitário, ambiente do cotidiano de todos, por meio da exploração do espaço ocupado pelo corpo, na tentativa de expressar uma percepção subjetiva dessa relação entre corpo e espaço, desvendando uma nova camada perceptiva do vivido e, especialmente, do não vivido dentro do habitual.

Dar possibilidade para que os corpos subvertessem os usos prescritos pelos programas arquitetônicos, nem que fosse por uma fração de tempo, possibilitaria que testassem novas camadas de percepção e apropriação desses espaços, nas situações imprevistas criadas. Ao testar os limites do espaço, colocavam em jogo a própria condição corporal, rompiam com seus próprios limites, com percepções acomodadas à rotina e aos condicionamentos externos. O explorar ganhou foco e permitiu surgir um processo de ressignificação das formas, por intermédio da percepção sensorial.

A tentativa de abrir margem para um novo tipo de repertório, que começou a surgir diante da expressão dos desejos do próprio corpo, livres das restrições do dia-a-dia, da utilização do corpo como linguagem, permite enriquecer não apenas o olhar dos alunos como indivíduos, mas também como arquitetos, profissionais que lidam com a produção de espaço e têm o poder de configurar um campo perceptivo e sensorial em sua atuação.

Provocar esse deslocamento propiciou o surgimento de indagações em seus mais variados níveis, ressaltando a importância do uso dos corpos de maneira sensorial e perceptiva, capaz de alimentar uma rede de pensamentos derivados dessa experiência.

As imagens a seguir<sup>2</sup> são retratos da produção desenvolvida pelos alunos, identificando brechas, limites, dobras do espaço, por meio do contato com seus corpos, levantando-os a curiosas indagações, como por exemplo: os pré-dimensionamentos propostos para os equipamentos e elementos arquitetônicos podem ser confrontados por um corpo que foge ao esquema generalista dos parâmetros modernistas? As fendas provocadas pela composição da arquitetura podem servir como elementos de apropriação e ativação de memórias? (Fig. 06 a 10).



Fig. 06 Estudo empírico, São Paulo, 2019. Fonte *Acervo pessoal disponibilizado pelos alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu.*

---

<sup>2</sup> Todas as fotografias desenvolvidas no estudo empírico apresentam as devidas autorizações de uso de imagem para fins de colaboração, validadas para uso acadêmico e assinadas pelos respectivos componentes.



Fig. 07 Estudo empírico, São Paulo, 2019. Fonte *Acervo pessoal disponibilizado pelos alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu.*



Fig. 08 Estudo empírico, São Paulo, 2019. Fonte *Acervo pessoal disponibilizado pelos alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu.*



Fig. 09 Estudo empírico, São Paulo, 2019. Fonte *Acervo pessoal disponibilizado pelos alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu.*



Fig. 10 Estudo empírico, São Paulo, 2019. Fonte *Acervo pessoal disponibilizado pelos alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu.*

O estudo empírico possibilitou aos alunos a construção de novas camadas sensoriais e interpretativas, evidenciando uma série de questões subjetivas que não necessariamente carecem de explicação e que dificilmente possuem uma resposta concreta. A potência dos campos sensoriais e perceptivos de cada um

moldou uma nova aproximação com o lugar, e com o próprio corpo. Quanto mais liberto de condicionamentos, mais o sujeito consegue extrair do lugar suas potencialidades, no sentido de tensionar seus limites, provocar dissensos, revelar conflitos.

Uma vez que essa percepção tomou novas formas e despertou novos olhares, a segunda parte do estudo empírico estabeleceu como foco adentrar o meio urbano da cidade de São Paulo e propor uma obra artística que tivesse como tema o corpo feminino e as estruturas que o circundam dentro do contexto urbano. Essa experiência será relatada em trabalhos futuros.

#### 4. Travessias

Discorrer sobre o processo de pesquisa que busca estreitar relações entre reflexões teóricas e experimentações poéticas propicia, muito mais do que apresentar conclusões, a perspectiva de ampliar o campo de atuação do arquiteto e urbanista, por meio da expansão da percepção e dos meios de interlocução. A aproximação entre arte, arquitetura e urbanismo pode favorecer a apreensão de dissensos e de conflitos na relação entre sujeitos (seus corpos) e o ambiente que habitam e, uma vez reconhecidos, a possibilidade de transpô-los e superá-los.

Percorrer as pistas deixadas por Norberg-Shulz, Certeau e La Cecla permite distinguir entre o espaço abstrato, indiferenciado, concebido por meio do conhecimento técnico pretensamente objetivo, e o lugar habitado, pleno de memórias, enriquecido por diferentes camadas de usos, fluxos e permanências. Essa distinção permite reconhecer a urgência de se conceber espaços considerando a presença ativa dos sujeitos e das múltiplas formas de interação social. Desbravar a contribuição dos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari possibilita explorar um campo de atuação do corpo e entendê-lo como entidade de desejo e de poder, que recorre às suas entranhas para romper com os condicionamentos do cotidiano. Consente compreender a potência criadora do Corpo sem Órgãos, que subverte os sistemas prescritos e encontra na experimentação crítica uma força de reinventar sua própria existência. Usufruir da reflexão de Agamben permite acessar uma dimensão que aproxima vida e arte e contrapõe a ideia da produção artística à de uma potência da ação.

#### BIBLIOGRAFIA

- AGAMBEN, G. (2017). O uso dos corpos. Homo Sacer, IV, 2. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo.
- CAMNEV L., ALMOZARA P.; PARAGUAI L. Ação-imagem: formulações de espacialidades em "Body Configurations" de Valie Export. In Revista Palíndromo, v.12, n.26, p.174-183, jan - abril 2020.
- CERTEAU, M. de. (2013). A invenção do cotidiano. Rio de Janeiro: Vozes.
- DELEUZE, G. e GUATARRI F. (1996). Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia Vol. 3. São Paulo: 34.
- \_\_\_\_\_ (2010): Anti-Édipo. São Paulo: 34.
- DELEUZE, G. (2009). A dobra - Leibiniz e o barroco. São Paulo: Papirus.
- LA CECLA, F. (1993). Mente locale. Per un'antropologia dell'abitare. Milano: Elèuthera.
- NORBERG-SCHULZ, C. (1976). O fenômeno do lugar. In NESBITT, K. (org.), Uma nova agenda para a arquitetura (2013). São Paulo: Cosac Naify.